A REDEMPÇÃO

FOLHA COMMEMORATIVA DA ABOLIÇÃO DO CAPTIVEIRO

FUNDADA PELO DR. ANTONIO BENTO

N. 11 | **S. PAULO, 13 DE MAIO DE 1899** | **Anno XI**

A' brasileira que assignou o decreto da abolição do captiveiro.

Illustre compatriota!

No dia, que recorda a mais digna das datas nacionaes, os abolicionistas brasileiros vos saúdam!

O problema da abolição do captiveiro, no Brasil, foi uma questão de humanidade, e não um lance politico!

Na sagrada occasião, em que commemoramos esse acontecimento, não queremos contemplar em Vós, mais do que a Magestade de um coração generoso!

Os abolicionistas brasileiros, jamais constituiram uma facção politica, e sempre contaram em seu acampamento os homens de todas as crenças, e os politicos de todos os partidos.

A questão da liberdade dos captivos, era uma obra humanitaria.

Significava mais o saneamento de um paiz, do que a victoria de um partido!

Na frente do exercito libertador, os abolicionistas brasileiros folgam em reconhecer a Vossa Pessôa!

O titulo que conquistastes, na data de 13 de Maio de 1888, vale, de certo, a refulgencia de um throno!

—Izabel, *a Redemptora*, é mais nobre, do que Izabel a *Oppressora!...*

Os abolicionistas brasileiros, pois, ainda com os olhos, rasos de lagrimas, pela morte funesta de Antonio Bento, saudam, em Vós, a benemerita Signataria da lei unica:

O Vosso nome constituirá um symbolo sagrado, para todos os libertos de 13 de Maio de 1888!

SALVE!!!



IZABÈL (a Redemptora)
signatária do decreto da abolição em 13 de Maio de 1888.

LUIZ GAMA

Não póde haver commemoração do 13 de Maio, sem o glorioso nome dos precursores e desses os que mais fizeram não foram por certo os que receberam os ultimos applausos, mas os que prepararam, por uma propaganda honesta, continua, severa, o animo popular para comprehender que a escravidão era a ignominia social, o senhor de escravos um iniquo, e o paiz que admittia uma instituição assim aviltante, uma nesga de territorio que a civilisação conspurcava, baixando-a ao nivel em que domina o reprobo.

Era esse o problema, e de todos o mais difficil, porque fallava antes da consciencia, da honra e do dever, ao interesse, ao ganho e á fortuna.

A lucta era heroica, porque cumpria combater a lei que creava direitos sobre o homem, á sociedade que mantinha o escravo, e ao outro homem que o usufruia.

Luiz Gama quando armou a tenda nos arraiaes da franca liberdade era um fraco pela origem, era um timido pela condição, era um insignificante pelos meios.

Mas o talento dava-lhe força, a convicção de que era a crusada do bem que promovia destruia-lhe a timidez, a palavra e a acção valiam-lhe por todos os recursos.

E assim disposto a soffrer, mais do que a agonia da alma, a agonia do corpo, elle foi traçando em meio do perigo o seu caminho até galgar a victoria da doutrina libertadora pela pleiade que o seu devotamento creou em torno da grande causa.

E o 13 de Maio é obra de Luiz Gama porque o plano de combate que deu a victoria foi elle quem o traçou, deixando a nós outros depois da liberdade do preto essa missão, ainda mais difficil, ainda mais penosa, mas tão necessaria quanto aquella—a educação civica do branco.

E é quando vemos diante da nossa querida terra esse problema de tão amplas proporções, que nos curvamos reverentes ante a memoria de Luiz Gama com mais do que admiração, —com saudade e tristeza.

R. Furtado Filho.

13 DE MAIO

Quando surgiu na aurora o luminoso raio,
que deu a liberdade a todos os escravos,
quando, a treze de Maio,
brilhou o novo sol de seus matizes flavos,
um hymno audaz, viril,
rompeu da multidão, e musicas e flores,
e vivas, e louvores,
cantavam sem cessar as glorias do Brazil.

No meio da floresta, ao lado do caminho,
que vai dar á cidade,
morava um pobre preto, um misero velhinho,
curvado ao peso atroz de sua longa idade.
Vivia triste alli, sem sombra de esperanças,
sosinho, sem amor, sem ter um peito amigo,
sem risos sem creanças,
—um naufrago da sorte, um tropego mendigo!

Quando surgiu na aurora o luminoso raio,
que deu a liberdade a todos os escravos,
o misero velhinho,
o pária da fortuna, o tropego mendigo
sahiu de sua choça, abandonou o abrigo,
o tecto ennegrecido, e foi pelo caminho
da proxima cidade,
andando sem parar, andando na anciedade
de quem quer alcançar um fito desejado.
Chegou, chegou emfim, arfante e alquebrado.

No largo da matriz os arcos e as bandeiras
ao puro céu de anil fulgiam multicores,
e musica e flores
cantavam sem cessar as glorias brazileiras,
e o misero velhinho,
o pária da fortuna, o tropego mendigo
sem risos, sem amor, sem ter um peito amigo,
o pobre abandonado á beira do caminho,
fazendo ingente esforço, alevantou-se heroico:
daquelle coração vencido pela idade,
senil, descrente, estoico,
partiu com emoção um viva a liberdade!

R. PUIGGARI

O 13 de Maio

O tempo tem confirmado todas as esperanças dos abolicionistas, quando apregoavam as vantagens da libertação da raça opprimida.

Para aquelles (que já não são muitos), que foram nossos companheiros desde os primeiros dias da campanha, o passado é uma lição do presente. Cresce a alegria, mas não cresce a geração actual, visto ser evidente a decadencia dos homens que tem tomado a si a direcção da politica do paiz e dos Estados, onde não se vê propaganda leal, para tornar o povo feliz nos municipios em que se passa a vida rodeado de uma politicagem baixa, sem que se tenham fundado, em parte alguma, sociedades cooperativas para unir os esforços dos que trabalham nas pequenas lavouras, nem tão pouco para fazer-se com que o arado seja o instrumento que domine a terra, trabalhado pelos libertos colonos, ou trabalhadores de qualquer especie.

Por outro lado os legisladores não se preoccuparam ainda com a colonisação, e a immigração, que deve ser o phenomeno gerador d'ellas é ainda assalariada; o que explica a razão porque a *enxada* e o *eito*, são ainda os instrumentos!

Querendo honrar os mortos, pois daqui ha pouco, só nos Cemiterios serão encontrados os nossos leaes companheiros, publicamos hoje uma das muitas cartas que temos na nossa collecção de documentos dos abolicionistas, nossos companheiros.

Incito os homens bem intencionados para meditarem sobre o assumpto.

Eleito provedor da Irmandade dos Remedios, que foi sempre a fonte de vida da qual o immortal Antonio Bento hauriu tantas glorias, cabe-me o dever de tambem pedir aos nossos companheiros de hontem que trabalhem para que o presente una os abolicionistas ao redor dos grandes ideaes que os nossos companheiros sustentaram, e estão ainda por se realizar.

DR. DOMIMGOS JAGUARIBE

SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO

Rio de Janeiro, 11 de Fevereiro de 1882.

Meu Caro amigo Dr. Jaguaribe.

Saude etc., etc.

Hontem o seu digno irmão teve a bondade de vir entregar-me a sua estimada carta que acompanha os 200 exemplares da sua «propaganda Abolicionista.»

Vou enviar alguns exemplares ao nosso presidente Joaquim Nabuco, em Londres, e distribuir os outros pelos mais distinctos abolicionistas desta Capital.

O bello trecho de sua carta sobre a libertação dos escravos será reproduzido na Gazeta da Tarde e na Gazeta de Noticias.

Depois do Festival de 5de Janeiro, adoptamos o programma do Gaspar:

«Não mais escravos no 1.º de Janeiro de 1890. A melhor preparação que podemos fazer para facilitar a evolução agricola, é o estabelecimento de um imposto territorial que obrigasse a sub-divisão dos latifundios e creasse a pequena propriedade, e a *Democracia Rural.*



LUIZ GAMA

Nenhuma provincia está para isso melhor preparada do que a de S. Paulo. Bastavam 10 réis por metro, ou 10 mil réis por kilometro de frente dos terrenos nas margens das linhas ferreas, para obrigar os grandes proprietarios a venderem aos immigrantes e a pequenos lavradores a margem das vias ferreas.

Ha 4 annos que vizito essa admiravel Provincia; as margens das estradas de ferro continuam dezertas, como no dia da sua inauguração!!!...

O mais bello resultado das estradas de ferro é facilitar a immigração; mas nas Provincias de S. Paulo, como no Rio de Janeiro, o monopolio territorial, o *landlordismo,* a falta de imposto sobre o latifundio esterilyzam as vias ferreas e reduzem-n'as a simples carregadoras do café.

Nos Estados Unidos, cada companhia de Estrada de ferro é, simultaniamente, empreza de Colonisação.

A Provincia de S. Paulo tem espaço para 40 milhões de immigrantes: o porto de Santos devia receber 500 mil immigrantes por anno, como o de New-York.

Queira chamar a attenção dos democratas da Assembléa Provincial para estas idéas e creia-me,

Sempre Amigo e Correligionario
André Rebouças.

FUGINDO AO CAPTIVEIRO

A ANTONIO BENTO E JOSÉ DO PATROCINIO

I

Noite fria de inverno. A abobada afastada
do céu cheio de estrellas,
brilha no humido azul das noites de geada.
Corta os ares o vento, esfusiando pelas
barrocas, e rangendo as arvores arfantes.
Silenciosamente, atravessando a sombra,
uns tardos viajantes
passam como visões de triste pezadêllo...
A maciez da alfombra
faz-se em blócos de gêlo
e abre nos seus pés nús a chaga das frieiras;
a mattaria hostil fecha-lhes o caminho
de folhas, de cipós, troncos e trepadeiras;
como vibora occulta
nas folhas do eloendro, espicaça-os o espinho;
ora a sombra do matto os envolve e sepulta
e elles erram atôa a esbarrar nos barrancos,
ora cobre-os o ceu, chovendo-lhes em cima
a geada que cái desfeita em flocos brancos...

A serra se approxima:
e com os pés a sangrar, os musculos transidos
de frio, a alma cançada
de soffrimento, vão, abafando os gemidos,
para que ninguem saiba onde é que elles padecem,
—subindo tristemente a montanha escarpada
e dolorosa, como a encosta do Calvario.
As serranias crescem.
Um, tropeçando, arrima o pai octogenario;
os mais valentes dão auxilio aos mais franzinos,
e mães a agonizar de fome e de cansaço
levam com o coração mais do que com o braço
os filhos pequeninos!

II

E vão subindo. A serra
ergue-se e avulta inexoravelmente.
Como que o agudo cimo foge á terra
e longinquo, e inclemente
varando os ares pelo ceu se enterra...

Tão longe ainda! E os peitos arquejantes
de cansaço... E a coragem succumbindo,
e o chão prendendo os pés... E agonisantes,
elles pensam que a morte espera-os antes
do termo desse itinerario infindo!

Tiritando, a chorar, uma creança
diz com vóz debil: «Mãe, faz tanto frio!»
e a mãe os olhos desvairados lança
em torno, e vê apenas o sombrio
manto de folhas que o tufão balança!

«Mãe, tenho fóme!» a creancinha geme.
E ella, dos trapos arrancando o seio
põe-lh'o na bocca anciosa, aperta e espreme...
Arido e secco! E do caminho em meio,
ella, atterrada e muda, estaca e treme!

Vai-lhe talvez morrer, morrer nos braços,
morrer de fóme, o filho bem querido!
E ella arrastando para longe os passos,
o corpo delle deixará perdido
para os seus beijos, para os seus abraços!...

E o seu cadaver pequenino e o riso
murcho no labio, e os olhos apagados,
toda essa vida morta de improviso,
hão de ficar no chão abandonados
á inclemencia do sól e do graniso.

Esse entesinho debil e medroso
que ao minimo rumor se assusta e busca
o asylo do seu seio carinhoso,
hade ficar sosinho, e em torno delle
a ventania uivando, algida e brusca...

E em torno delle,—a noite solitaria
cheia de sombras, cheia de pavores,
e onde passa a visão errante e varia
de lobishomens ameaçadores
em desfilada solta e tumultuaria...

E da cabeça aos pés toda estremece,
falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a coragem n'alma lhe esmorece...
E afastando-se, ao longe, numa curva
o bando volta-se e desapparece...

Ficam sós, ella e o filho agonisando,
elle a morrer de fome, ella de mêdo.
Ulula o furacão de vez em quando,
e saccudindo os ramos e o folhedo
movem-se as arvores gesticulando. .

Ella ergue os olhos para o céu distante
e péde ao céu que descortine a aurora...
Dorme embuçado em sombras o levante,
e brilha apenas pela noite fóra
das estrellas a luz tremulejante.

Tenta erguer-se e recai; soluça e brada,
e apenas o echo lhe responde ao grito;
os olhos fecha para não ver nada,
e tudo vê com o coração afflicto,
e tudo vê com a alma allucinada.

Dentro se lhe revolta a carne! Explode
o instincto bruto e quebra-lhe a vontade.
Mães! Vosso grande amor que tudo póde,
póde menos que a indomita anciedade.
em que o terror os musculos saccode!

Ella, apertando o filho estreitamente.
beijou-lhe os olhos e beijou-lhe a bocca;
e, desvariada, em pranto, ebria e tremente,
arrancou-o de si, subitamente,
e deitou a correr como uma louca!...

III

Aponta a madrugada.
O sol, das brumas esburaca o véu.
A sua luz se espraia avermelhada,
ensanguentando o céu.
A caravana tropega caminha,
chega ao tope da serra;
o allucinado olhar dos fugitivos
não vê, mas adivinha
que fica proxima a abençoada terra
onde não ha captivos.

Atraz da varzea que se alastra em baixo
atapetada de hervas e de flores,
e onde o leve penacho
dos coqueiros oscilla brandamente,
da madrugada á tenue claridade;
atraz da varzea, que se lhes depara
alli, proxima em frente,
espera-os o descanço e a liberdade
no chão do Jabaquára!

Essa ingreme subida
pela sombra da noite desolada,
em que cada uma tropega pizada
ia aos pedaços arrancando a vida;
essa jornada cheia de cansaço,
cheia de frio e do ulular do vento,
de sombras pelo espaço,
de espinhos pelo chão;
tudo, esquecem-n'o agora num momento.
Com a sombra desfizeram-se os pezares,
brilha o sól e a esperança, enchendo os ares
e enchendo o coração.

E elles, rindo e a cantar, descem felizes,
sem reparar que os pés lhes vão sangrando
pelos espinhos e pelas raizes;
sem reparar, que ahi pelo caminho
onde elles seguem—como alegre bando
de passarinhos da gaióla escapo;—
fica um pouco de trapo em cada espinho,
e um pedaço de carne em cada trapo!

Descem, rindo, a cantar... Toda a floresta
ri-se em flores, em passaros gorgeia;
entre as folhas do matto o sól se enfresta
e desce em faixas de ouro sobre a areia.
A agua das cachoeiras, clara e pura,
desce entre pédras, corre aos solavancos;
e a flôr de S. João se dependura
festivamente a beira dos barrancos...

Descem rindo e cantando.. Mas no meio
dessa alegria palpitante e louca
que se abre em cada seio
e ri em cada bôcca,
uma mulher caminha desolada:
desvaira a magua o seu olhar profundo,
echôa na sua alma atribulada
e parece que vem ferir-lhe o ouvido
o longinquo, o tenuissimo gemido
do filho moribundo...
A liberdade, agora alvorescente
e proxima, que importa,
para quem a alma tão inerte sente
que mais parece morta?

O dia de ser livre, tão sonhado,
pela noite do escuro captiveiro,
amanheceu por fim, bello e doirado
enchendo o céu inteiro.
Livre... E corre-lhe o pranto pela face!
Livre... E ensombra-lhe a magua o olhar sem brilho!
Para chegar áquelle desenlace
foi preciso que a miseria passasse
sobre o corpo do filho!

IV

Escuta-se um rumor de patas de cavallo.
A força que os procura, approxima-se. Em volta
o ermo de uma clareira, o matto baixo e ralo...
Negando-lhes abrigo onde fujam da escolta,
o sól, o claro sól que os alegrava tanto,
denuncia-os agora aos olhos dos algozes.
E tontos, a tremer, o olhar cheio de espanto,
a alma cheia de susto, ouvem no vento as vozes
da tropa que os persegue. Estacam vacillantes...
Fugirem? Como, pois, com os peitos arquejantes
e com os pés a sangrar—de corséis a galope?
Esconderem-se? Como? E onde, pois, que os não tope
a ganancia que os busca e que tudo esquadrinha?
Elles sentem que a escólta aos poucos se avisinha
e sentem já no pulso o pezo das algemas;
sentem o corpo abrir-se em chagas e postemas,
sob o chicote; e dentro os ossos estalando
sob as taboas do tronco... Esse martyrio infando
de atravessar a serra agreste, sem caminhos,
de vir deixando a carne esfiada nos espinhos,
a pizar com os pés nús a aspereza do gelo;
esse martyrio todo haviam de perdel-o,
e haviam de voltar, bello sonho desfeito,
para a senzala, e para o tronco, e para o eito!...
Allucinada a alma, o olhar allucinado,
vêm da proxima angustia o quadro desolado!
Mãe! vês já o teu filho a chorar sob o relho,
e doe-te o que elle soffre, e enchem-te os olhos d'agua
essa magua suprema, essa infinita magua!
Agoniada a morrer, curva-se-te o joelho,
Cahes inerte no chão... Ah! recupera a calma,
abafa a tua dôr; cumpre que te levantes
e que não sejas mãe, e que não tenhas alma!...

Apontam na clareira os carrascos triumphantes!
Separa-se do grupo um fugitivo; lança
em torno um longo olhar tranquillo, de esperança,
e diz aos companheiros:
«Fugi; saltai, descei pelos despenhadeiros;
a varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto.
Eu vou morrer de certo,
vou morrer combatendo e trancando o caminho.
Todos podeis fugir; combaterei sosinho!
A morte assim, me agrada:
E' preciso voltar para que eu fique vivo,
e é melhor acabar na ponta de uma espada,
do que viver captivo!»

E emquanto a caravana
dispersa pelo morro atropelladamente,
elle, erecto—figura altiva e soberana,
fica; e espera a pé firme o inimigo imminente!



Dr. ANTONIO BENTO

Hercules africano! Arde nas tuas veias
Sangue de algum heróe intrepido, selvagem,
acostumado á guerra, a devastar aldeias,
habituado a sorrir no meio da carnagem,
a brincar com a morte, e a espalhal-a a mãos cheias!

Não poude a escravidão domar-te a indole forte,
e dobrar-te a altivez, e ajoelhar-te diante.
do carrasco e da algema!
Sorris para o supplicio e encaras para a morte
sem que teu braço trema,
sem que os olhos te assombre o medo supplicante!

Erguendo o braço, elle ergue a foice. A foice volta
e róla sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre elle vêm crusar-se o gume das espadas:
»Ah! prendel-o, jamais!» respondem as foiçadas
turbilhonando no ar, e ferindo, e matando...
Afinal, um soldado, a espingarda apontando
para o seu largo peito, atira-lhe uma bala.

Como um jequitibá que o raio fende e abala,
estremece-lhe todo o corpo fulminado.
O altivo coração murcha no seio exangue.
Elle deixa tombar a foice para um lado
e rudemente cahe no chão tincto de sangue!

Santos—1890.

Vicente de Carvalho.

Dr. Antonio Bento

Antonio Bento nasceu nesta capital no dia 17 de Fevereiro de 1843, em uma casa da rua de S. José, hoje Libero Badaró. Foram seus paes Bento Joaquim de Souza e Castro e d. Henriqueta Vianna de Souza e Castro. Aos 21 annos, concluidos os preparatorios, matriculou-se na Academia, que o fez bacharel a 10 de Dezembro de 1868.

Quando estudante exerceu o logar de menino do côro, e aos 12 annos o cargo de capellão na Sé, por nomeação de d. Sebastião Pinto do Rego, que era então o bispo da diocese. Desse cargo foi demittido por ter desrespeitado com algumas irreverencias a um conego.

Antes de sua formatura na Academia foi nomeado promotor publico, pelo barão de Itaúna. Aconteceu, porém, que ao receber o grau entendeu Antonio Bento que não tinha que agradecer cousa alguma á congregação da Faculdade.

Mas isso era do compromisso, e Antonio Bento pagou esse acto de rebeldia com a suspensão que soffreu e que foi approvada pelo conselheiro Paulino José Soares de Souza.

Essa suspensão trouxe tambem como resultado ser-lhe caçada a nomeação de promotor publico

Durante a presidencia do dr. José Elias Pacheco Jordão foi nomeado promotor publico da comarca de Botucatú, de onde

foi removido para a de Limeira, até que pediu exoneração do cargo, seguindo para a cidade de Parahybuna, onde foi advogar e onde gozou da estima geral de liberaes e conservadores.

Algum tempo depois, como se tivesse conflagrado o municipio de Atibaia, onde pessoas de familias influentes ameaçavam de morte o dr. Ferreira Alves, então juiz municipal, foi Antonio Bento convidado pelo dr. Costa Pereira a seguir para alli como delegado de policia em commissão, sendo depois nomeado juiz municipal.

Apezar dos serviços que prestou, reorganisando o partido conservador, de que foi chefe, viu-se responsabilisado como juiz por ter promovido alli a liberdade de africanos importados depois da lei de 1831.

O dr. Antonio Bento era casado com d. Benedicta de Souza e Castro, natural de Atibaia, e deixa do seu consorcio cinco filhos menores; era irmão do dr. Quirino de Souza e Castro advogado em Taubaté, e do dr. Clementino de Souza e Castro, juiz de orphams desta capital, e cunhado do director do *Popular* J. M. Lisboa, do sr. barão de Tatuhy, do sr. Alexandre Thiolier, commerciante desta praça, e do sr. dr. Belisario Caldas.

O distincto cidadão, que se achava enfermo desde o mez de Julho ultimo, expirou ás 2 $1/2$ horas da tarde de 8 de Dezembro de 1898 na edade de 53 annos.

Em 1877 transferiu sua residencia para esta capital, sendo eleito provedor da Confraria de N. S. dos Remedios que tão grandes serviços devia mais tarde prestar á causa da liberdade dos escravos; foi esta Confraria quem primeiro advogou junto do sr. d. Pedro de Alcantara a revogação da lei que cominava a pena de açoites para os escravos.

Em agosto de 1882 quando morreu o saudoso Luiz Gama, Antonio Bento, tomou a direcção da campanha da libertação e no *Jornal do Commercio* e depois na *Redempção*, folha que fundou especialmente para auxilial-o e aos seus companheiros de lucta, com um desassombro extraordinario, contava as atrocidades dos senhores de escravos de que ia tendo noticia, e citava-lhes os nomes por inteiro!

O jornal de Antonio Bento foi o mais popular de quantos aqui se publicavam: todos o liam: uns, por simples curiosidade, outros por medo, mas o cunho de sinceridade dos artigos, a analyse franca dos actos do governo na repressão arbitraria impunham a idéa abolicionista como uma necessidade de hygiene moral, de saneamento das consciencias, de honestidade das familias.



HIPPOLYTO DA SILVA

A relação dos *senhores* que tinham escravos matriculados nesta capital tinha sido publicada..... O medo crescia como crescia a falta de garantia para a propriedade ameaçada...

Chegara o momento. Antonio Bento resolvera operar em ponto grande, porque a escravidão no interior, com a formação de grupos de caiphazes, em todas as cidades, redobrava de vigilancia. Enviava emissarios de toda a confiança ás fazendas onde convinha que fosse iniciado o movimento, traçou o plano a executar e... um bello dia viu-se com espanto começar essa esplendida epopéa do exodo de escravisados, que fugiam em massa ao captiveiro, calmos, de enxada ao hombro, acompanhados de mulheres que aconchegavam ao seio *ingenuos*, atravessando cidades, villas, em busca do Jabaquara, oasis de liberdade aberto no grande deserto negro....

A propaganda penetrára nas senzalas, saltára os muros dos quadrados, abrira os troncos, arrancára os ferros, e deixara os *senhores* attonitos e espavoridos como os judeus na madrugada da Paschoa, offuscados por essa ressurreição luminosa da liberdade!

A escravidão estava morta, e foi Antonio Bento quem lhe vibrou com mão certeira esse golpe tremendo.

Para o auxilio da campanha organisou a instituição secreta dos *caiphazes*, nome com que designava humoristicamente os seus auxiliares, e é uma cousa indiscreptivel o que se passou nesta contradança da liberdade!

Não houve mais chefes, a excepção de Antonio Bento. Todos os outros eramos *caiphazes*. Iniciado o plano, cada um tratou de arregimentar *caiphazes*, e operar immediatamente, recorrendo ao chefe, quando preciso. Trabalhavamos todos secretamente, com este unico fim: subtrahir escravisados ao poder dos senhores. E nessa faina abençoada, em cuja execução deixamos perecer interesses, quanto *caiphaz* encontramos, prompto a dar camisa a um preto boçal e as costas ao refle da policia! O cocheiro de praça, o carregador, o caixeiro, o negociante, o operario, o academico, o jornalista, o advogado, o medico, todos, todos, que não tinham escravos, queriam fazer jús ao titulo de *caiphaz*, subtrahindo um escravo — ao irmão, ao pae. á sogra, a quem quer que fosse, comtanto que o dono perdesse a cabeça a procural-o, sem saber como se deu a fuga, e indo queixar-se á policia, para pedir providencias!

A policia, indignada, fazia cercar a casa de Antonio Bento, que cautelosamente já havia feito fugir pelos quintaes visinhos, pelos fundos, pelos telhados ou por alçapões imaginarios os que tinha em casa, isto quando os não fazia sahir muito naturalmente, pela porta da rua, disfarçados!

Foi então que a cabeça do chefe correu risco.

Choviam as cartas anonymas, as ameaças, as tentativas de aggressão, e *caiphazes* dedicados, temendo as arremettidas cobardes do escravismo, não abandonavam mais o chefe.

Foi então que a propaganda estalou violenta, impetuosa, medonha! Julio Ribeiro e Muniz de Souza, Vieira de Almeida, Fernandes Coelho, Martim Francisco, Bueno de Andrade, padre Barroso, Horacio de Carvalho, dr. Domingos Jaguaribe, todos os que podiam travar de uma penna arremettiam contra a nefanda instituição com a coragem de quem pratica uma boa acção, e a *Gazeta do Povo*, o *Diario Popular*, o *Diario Mercantil*, todos os jornaes em que conseguiamos um canto por onde pudessemos expandir o pensamento libertador, vibraram golpes profundos na escravidão.

Todos o conheceram: uma espinha de bronze e um coração de anjo. Não havia causa odiosa que o curvasse, nem maldade ou perversidade que não tivesse um écho em seu coração generoso e grande.

Era um forte, porque a esses dotes alliava um espirito alegre e vivaz. Com Antonio Bento não podia um homem estar triste. Na abolição, com o sustento de escravisados que se asylavam em sua casa, gastava o que não tinha, e ria-se do odio esclavagista quando este se expandia no insulto, chamando-o *papa peculios*.

Durante o periodo abolicionista não houve politica.

Conservadores, liberaes e republicanos, só tinham um pensamento: remover do caminho de nossas aspirações essa pedra de escandalo — a escravidão.

Antonio Bento era conservador, Fernandes Coelho, liberal, e eu republicano, e não raras vezes, na *Redempção*, escrevendo todos tres sob o ponto de vista partidario, analysando actos administrativos em prol da abolição, chegavamos por estradas diversas, ao mesmo resultado.

Dias depois do 13 de Maio, dizia-me Antonio Bento, philosophando sobre a politica da época:

—Para nós, os abolicionistas, nossa missão está completa. Não nos devemos envolver em questões politicas, e cada um de nós o que tem de melhor a fazer é ficar em casa, tratando da mulher e dos filhos!

Hippolyto da Silva

HIPPOLYTO DA SILVA

Hoje, meu caro, que os pretos commemoram o undecimo anniversario da promulgação da humanitaria lei que lhes outorgara os direitos sobre o lar e a ventura emocionante do amor; que a *Redempção* apparece para prestar merecido preito de homenagem aos heroes da triumphante cruzada em prol dos que gemiam sob o jugo infamante da escravidão, não podias ficar no olvido, pois que estão ainda bem vivos na memoria dos *caiphazes* os inolvidaveis serviços que prestaste a Antonio Bento, glorioso chefe do abolicionismo em São Paulo, para que elle conseguisse a realisação de seus arrojados projectos.

E' pois, bem merecido o logar que occupas ao lado do immortal redemptor dos escravos no Brazil.

Hippolyto da Silva nasceu na pittoresca e opulenta cidade de Campinas, a 13 de Agosto de 1858.

Foram seus progenitores o Snr. Antonio da Silva Dutra, já fallecido, e natural de Itú, distincto membro da tradicional familia dos Dutras, a que pertenceu o Miguelsinho de Piracicaba, (de quem Hippolyto é sobrinho) e D. Brandina Dutra, de Mogy-mirim...

Aos 13 annos de edade, recem-sahido da escola do professor Malachias Ghirlanda, (hoje gerente da Caixa Economica desta capital) seguiu para a Estação do Rio Grande, onde foi dedicar-se ao commercio, como empregado da casa do Snr. V. T. Leomil, e poucos mezes depois foi para Santos, como ajudante de Guarda-Livros da casa que o mesmo negociante alli abrio sob a firma de Valencio Leomil & C.ª, na qual se conservou até 1877.

Em 1878 passou para a casa do negociante portuguez Manoel Lourenço da Rocha, onde ficou até 1879, epocha em que começou a espargir, pelos periodicos, fagulhas de sua mascula intelligencia, collaborando em Santos no *Diario de Santos*, *Imprensa* e tomando conjunctamente com o fallecido padre Barroso, de pranteada memoria, Antonio Manoel Fernandes e Sacramento Macuco, a redacção do *Raio*, primeiro jornal republicano que se publicou na terra de Braz Cubas. Fundou com João Guerra o *Diario de Noticias*, que apenas durou poucos mezes, e em fins do mesmo anno voltou a Campinas, onde trabalhou no escriptorio de seu parente o Snr. Francisco Glycerio, hoje general, que então alli, com rara proficiencia e probidade, exercia a profissão de advogado, tomando ao mesmo tempo varios trabalhos commerciaes como Guarda-Livros. Trabalhou nas casas Barrere & Irmão, Eloy Cerquera, França Camargo & Irmão e na Lidgerwood Mfg. C.º e dois annos mais tarde, o chefe desta ultima, activo e intelligente, reconhecendo, no moço poeta, aptidão e probidade para elevado mister de guarda-livros, resolveu confiar-lhe um logar no escriptorio da mesma Companhia no Rio de Janeiro. Emquanto esteve em Campinas collaborou na *Gazeta de Campinas* e no *Petiz Jornal* e fundou o *Correio da Tarde*, publicando ainda jornaes litterarios, como a *Sempreviva* e o *Binoculo*. No Rio de Janeiro conservouse na Companhia Lidgerwood até 1885, anno em que veio para S. Paulo consorciar-se com D. Emilia Branco da Silva, virtuosa e prendada senhora que lhe retribue em afagos e carinhos e solicitude os affectos recebidos.



DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Como guarda-livros foi aqui substituir Jorge Ewbank na casa Leite, Bahia, Dias & Comp. e depois Monteiro da Silva & C.ª onde trabalhou até 1889, data da proclamação da Republica. Em fins de 1890, a convite do Snr. Joaquim Payão, digno chefe da casa Payão & C.ª á rua do Commercio n.º 4, assumiu a gerencia do escriptorio fazendo parte da firma, onde se demorou pouco tempo pela incorporação da casa á Companhia Payão, Briccola e Borges. Durante a propaganda abolicionista, ao lado dos Doutores Antonio Bento e Fernandes Coelho, duas legendas vivas e gloriosas que recordam a santa cruzada em pról de infelizes escravisados, redigiu a *Redempção*—baluarte que sem descanço bombardeava a nefanda instituição negreira; collaborou na *Gazeta do Povo* e publicou *Os Latifundios*, poema abolicionista, escripto em magnificos versos alexandrinos.

Lembrando *Os Latifundios*, em cujas estrophes sentimos vibrar ainda a alma sensivel do poeta abolicionista, não resistimos ao desejo de transcrever os ultimos versos do poema, porquanto, aquelles que, identificados pela communhão espiritual, postergando a vida, se erguem da terra ás regiões olympicas do ideal sonhando illuminar a humanidade com o radiante pharol da Liberdade, merecem as bençãos dos coetaneos e ligam ás gerações vindouras bello e digno exemplo de civismo. E' assim que o immortal autor d'*Os Miseraveis*, Victor Hugo, a mais completa e opulenta cerebração litteraria deste seculo, cujo desapparecimento jámais deixarão de lamentar não só a França, que lhe foi berço, mas o mundo culto, porque os genios tem por patria o Universo! Victor Hugo, diziamos, com a alma confrangida ante o ignobil procedimento dos mercenarios de Luiz Bonaparte, o qual com um golpe de estado derruia a dignidade franceza envolvida no pavilhão ultrajado, quer nos cartazes adheridos ás esquinas das ruas ou no cimo de improvisadas barricadas levantadas no coração de Pariz, aureolado de radiante indignação patriotica, gritava:

«Soldados! Um homem acaba de despedaçar a constituição. Rasga o juramento que tinha prestado ao povo, supprime a lei, estrangula o direito, ensanguenta Pariz, agrilhôa a França, atraiçôa a Republica! Soldados, este homem vos impelle para o seu crime:

Ha duas cousas sagradas: a bandeira, que representa a honra militar, e a lei, que representa o direito nacional.

Soldados, o maior de todos os attentados é a bandeira levantada contra a lei!

. . . .

. . . .

Nós cidadãos, nós representantes do povo, nós vossos amigos e vossos irmãos, nós que somos a lei e o direito, nós que nos erguemos diante de vós, estendendo-vos os braços e a quem feris cegamente com as vossas espadas, sabeis o que é que nos desespera? Não é ver o nosso sangue, correr, é ver a vossa honra que desapparece!» Hippolyto da Silva, como que sentindo a carne magoada aos açoites brandidos sobre o corpo emmagrecidodo escravo, vendo o brio patrio e a honra nacional desapparecerem com o sangue innocente que fecundava a terra, com o peito incendido de colera e de amor—sujeito tambem ao bacamarte dos bandidos assalariados pelos Cresos escravocratas, nos comicios populares, ou nas paginas do livro, bradava:

«Libertar! Abolir! Eis a senha de guerra!
Libertar o trabalho é ennobrecer a terra!
Abolir o escravo é ennobrecer o homem!
Libertai! Aboli! Aquelles que consomem
A vida no trabalho escravo, e que um
perverso
Condemnou a galés perpetuas desde o berço,
— São victimas da fraude, explora-os a
cubiça!

Libertai! Aboli! Em nome da Justiça!
Por honra do paiz! Sem perda de um minuto!
Sem indemnisações, sem onus nem tributo,
Porque o homem não é de outro homem
propriedade!

Libertai! O resgate humano é a Liberdade!
Aboli! A expiação do crime é a Abolição!
E seja esta senzala immensa—uma Nação!»

Na *Provincia de São Paulo* publicou durante um anno a apreciadissima secção humoristica *Pipocas*, que a imprensa fluminense sempre transcrevia em suas columnas, tendo assumido depois a administração daquelle jornal até que foi transferida a sua propriedade á Companhia Impressora. Ainda na propaganda republicana, redigiu com João Vieira de Almeida *O Grito do povo*, periodico que mais serviços prestou á causa da Republica.

Proclamada a Republica foi pelo honrado e illustre Dr. Prudente de Moraes nomeado membro da primeira intendencia municipal de São Paulo, sendo posteriormente eleito deputado á Constituinte, durante o governo do benemerito paulista Dr. Americo Brasiliense, e mereceu no congresso um logar de secretario, que desempenhou com intelligencia e criterio.

Fundou o *Diario Official do Estado de São Paulo* cujos primeiros numeros foram publicados sob sua exclusiva redacção.

. . . .

Amnistiado com as demais victimas da cilada de Abril, voltou á capital, onde, ao lado do Doutor Miranda Azevedo collaborou na *Federação*, fundando com o Doutor Martim Francisco, e João Vieira de Almeida, em 1892, *O Autonomista*, jornal que fez epocha, mas que durou apenas quatro mezes, sendo substituido, por conveniencia da opposição, pela *Opinião Nacional*, sob a criteriosa direcção politica do venerando e chorado mestre Doutor Americo Brasiliense, e redacção dos illustres Doutores Leopoldo de Freitas e Gomes Cardim.

Desde então... repudiou completamente a politica e trancou o seu diploma de eleitor na sua gaveta.

Voltando de novo inteiramente á sua profissão de guardalivros, faz actualmente parte da importante e conceituada firma Cardoso, Magalhães, Barker & C.ª importadora de louças, porcellanas e crystaes, á rua Marechal Deodoro.

Ahi tendes, intrepidos *Caiphazes*, omittidos outros por inopportunos, os principaes dados biographicos de Hippolyto da Silva, que, entre tantos predicados que o ennobrecem, possue dois, poucas vezes, reunidos em um individuo: caracter e talento.

M. Pires do Prado.

Dr. Domingos Jaguaribe

E' o successor de Antonio Bento na Provedoria da Irmandade de N. S. dos Remedios.

Caracter de rija tempera, cavalheiro de amenissimo trato, intelligencia pósta ao serviço de todas as causas bôas do paiz, o Dr. Domingos Jaguaribe soube cercar-se da estima e da consideração de seus contemporaneos, revelando-se um propagandista dedicado na abolição, e um dos batalhadores que mais pugnaram pelo engrandecimento da patria e dos que nella viviam, pela penna, pela palavra e pelos actos que praticou

Emquanto os litteratiços do vermouth e dos cafés flanavam pela capital cogitando dos meios de engazopar o proximo, o Dr. Jaguaribe recolhia-se ao silencio do seu gabinete, alli delineava as magnificas paginas do seu livro *Influence de l'esclavage* que tanto ruido fez no estrangeiro, ou descrevia as magnificas scenas dos *Herdeiros de Caramurú*, livro que tanto cooperou para o exito da propaganda abolicionista.

Morto Antonio Bento, o chefe dedicado, o pae da pobreza e dos confrades dos Remedios, a nenhum outro abolicionista competia por certo a successão.

Pelos seus titulos de abolicionista intransigente, pela nobreza e austeridade de seu caracter, e sobretudo, pelos dotes generosos de seu coração, a sua eleição para Provedor da Confraria dos Remedios impunha-se como consagração de seus elevados meritos.

O que o Dr. Jaguaribe tem feito nos poucos mezes de sua administração na Confraria dos Remedios, saben n'o todosquantos se interessam pela manutenção daquella benemerita associação religiosa e pela conservação de seu templo. E', pois, com desvanecimento que a *Redempção* publica hoje o seu retrato, e estamos certos de que ao espirito de Antonio Bento terá sido agradavel esta successão na terra, de um homem que só cogitará de eternisar-lhe as glorias e de recommendar seu nome ás bençãos de todos os captivos e de todos os patriotas.



CASA ONDE MOROU E FALLECEU ANTONIO BENTO

CASA ONDE MORREU ANTONIO BENTO

Damos hoje a photo-gravura da casa onde falleceu Antonio Bento, a modesta residencia da rua da Liberdade, onde elle viveu desde que se dedicou definitivamente á campanha abolicionista.

E' uma casa de apparencia pobre, mas quem nunca alli entrou não póde imaginar como no interior daquella modesta residencia o genio galhofeiro de Antonio Bento reunia ao bom gosto dos seus moveis antigos, dos seus bibelots de preço, a nota hilariante de uma collecção de quadros de frades de todas as ordens e de todos os feitios, todos soffrivelmente rotundos e gulosos, para despertar o appetite... na sala de jantar!

Um dos maiores desgostos do velho chefe, foi não poder terminar a reedificação de sua casa, que começou ha um anno, do quintal para a frente, um sobrado magnifico que se não vê da rua, mas de cujo andar superior se descortina o mais lindo dos panoramas da capital.

Nessa casa reside hoje toda a familia do velho chefe.

Antonio Bento

Nenhum convite me poderia tocar tão intimamente como o da *Redempção*, para dizer em suas columnas uma palavra sobre Antonio Bento que fosse ao mesmo tempo a minha despedida aos abolicionistas de São Paulo. Sobre Antonio Bento já disse tudo quando o chamei o John Brown brazileiro. São as forças espontaneas illimitadas, e intransigentes, da alma popular que encarnando em um individuo no curso das revoluções que ellas produzem, formam as lendas e os mythos nacionaes, e não tenho duvida que o nome de Antonio Bento é um d'esses que passarão pelo processo da canonisação, do fetchismo imaginativo do povo, para no futuro symbolizar o movimento abolicionista no Sul do Brazil. Elle é com effeito a força irresistivel da plasticidade nacional, destruindo por si só as velhas fôrmas da escravidão em que até então tudo no paiz fôra vazado; não é o homem de gabinete, o moralista, o pensador a imaginar a fórma da evolução substitutiva; é a força bruta do direito cahindo sobre a oppressão; é o processo physico violento, sem o qual nenhuma posse interesseira foi nunca supprimida; a guerra aberta, franca, declarada, com toda a animosidade e a paixão da guerra, aos proprietarios de uma das raças humanas. Por isso a funcção que elle exerceu foi differente da de todos os outros grandes factores individuaes da abolição. O espirito que o inspira é litteralmente o de John Brown; não é o de Wilberforce, ou o de Channing, ou o de Garrison: é o espirito de desforra, quasi o de talião, não o odio pessoal aos adversarios, mas o odio ao regimen que elles personificam, o desafio irreconciliavel ao oppressor, a idéa unica de tirar-lhe violentamente as victimas. Isso quer dizer que Antonio Bento sentia, queria, luctava, com outra força e paixão que nós; que o problema social para nós era complexo e delicado; mas tambem, que elle tinha um coração mais robusto, uma organisação de combate mais accentuada, a revolta intima contra a oppressão mais intensa, a vibração mais forte. Por toda parte no Brazil é o enthusiasmo, a camaradagem, o espirito do tempo, que faz a violencia aos senhores; S. Paulo, porém, exactamente onde o poderio da escravidão é maior, é a força sem disfarces nem complacencias que penetra nas senzalas, que deita por terra todo o antigo systema de trabalho. Essa é a caracterização de Antonio Bento. Se a abolição tivesse sido feita por elle só, teria sido talvez uma guerra servil; se elle não tivesse apparecido, em vez da abolição immediata. a escravidão teria talvez acabado por alguma transacção que a deixaria viver alguns annos mais, se não a transformasse, por um periodo mais longo, em alguma servidão espuria.

Só a historia collocará cada figura no seu verdadeiro plano: por isso no dia 13 de Maio o modo de ser justo para com os principaes auxiliares da grande causa é admittir que o papel de todos foi igualmente necessario. O culto local, particular, de Antonio Bento, como o de Luiz Gama, n'este dia é, entretanto, um preito legitimo do sentimento paulista, que assim exalta sua propria collaboração na obra nacional, cuja iniciativa distante pertenceu ao primeiro José Bonifacio, á qual o segundo emprestou a magia da sua palavra, e cuja realisação só se tornou possivel quando Antonio Prado proferio o *placet* da provincia.

Joaquim Nabuco

A Egreja dos Remedios

Sob o patrocinio de Nossa Senhora dos Remedios, existe, nesta capital uma confraria religiosa, cuja fundação data de 3 de Julho de 1837, data mais antiga, do archivo, a julgar pela abertura feita pelo Dr. Ildefonso Xavier Ferreira, e que esteve sob a administração de Antonio Bento, na qualidade de provedor, desde *1.º de maio de 1880.*

Quando Antonio Bento se filiou á confraria, levava já o intuito de associal-a aos futuros trabalhos para a Redempção dos escravos, e tal foi o *meio* em que se encontrou, taes as adhesões ás ideias abolicionistas, que, sendo eleito Provedor, immediatamente cogitou de formar alli o nucleo dos *caiphases* que deviam redimir a patria dos crimes do captiveiro.

A' tenacidade e propaganda do velho chefe, correspondiam

os irmãos da Confraria dos Remedios com o sacrificio de cada hora, de cada momento, pedindo unicamente que lhes fossem confiados os póstos arriscados. D'alli nasceu, como verão os leitores neste numero da *Redempção* a supplica ao Imperador para abolição da pena de açoites.

A Confraria dos Remedios era o oasis, no deserto brasileiro, onde os sequiosos de liberdade vinham pedir que se lhes matasse a sêde... E, como não fazel-o, si cada coração abolicionista era um manancial de liberdade!

Um dos maiores titulos de gloria para a Confraria de N. S. dos Remedios é a festa celebrada em *10 de Junho de 1883*, na qual se destribuiram *45* cartas de liberdade!

Parecerá pouco; mas, confrontem-se as epocas. A pedra ainda não havia rolado da montanha; Antonio Bento ainda não tinha ousado o plano das fugas em massa, o exodo biblico, que havia de trazer para a raça escravisada a Paschoa do 13 de Maio.

Hoje, a egreja dos Remedios, continua sob os auspicios da Confraria, e a direcção desta pertence ao Dr. Domingos Jaguaribe, um digno successor de Antonio Bento, naquella congregação de apostolos da liberdade, e que tanto cooperou para a realisação dos ideaes de 13 de Maio.

A Confraria dos Remedios, de cuja egreja damos hoje uma gravura, é uma irmandade pó bre, pauperrima até, mas tem a seu favor o culto fervoroso da abolição dos escravos, creado pelo seu protector de tantos annos, e o legado deixado por elle, de sempre nesta dacta, commemorar a Lei Aurea glorificando a sua padroeira, para quem todos nós, abolicionistas, appellavamos de mãos postas, quando viamos perdida a nossa patria pela ganancia dos senhores de escravos, pela dissolução da familia, e pela immoralidade patrocinada pelas leis e pelos codigos que mantinham o direito de propriedade sobre o homem! Além disso, a Confraria dos Remedios possue thesouros preciosos: a collecção de ferros arrancados aos escravisados, e que o Muzêo Paulista não poderá expôr, e a medalha da abolição do Ceará, de que existem nesta capital apenas cinco exemplares, quatro dos quaes estão distribuidos entre abolicionistas eminentes.


EGREJA DE N. SENHORA DOS REMEDIOS

Sessão em Mesa Redonda da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios.

Ao 1.º de Outubro de 1882, ás 7 horas da noite, achandose reunidos no Consistorio da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios desta Capital os irmãos: provedor Dr. Antonio, Bento de Souza e Castro, revd. padre capellão Agostino Brum thezoureiro José Candido Raphael, procurador Francisco Ignacio Coelho, thezoureiro da cêra Martinho José Marques; e os irmãos, de meza Gil Braz da Silva, alferes Manoel de Jezus Lustosa, João Francisco de Paula Carmo, Polycarpo de Mello Castro, João Manoel Floriano, Antonio Affonso de Moraes Torres, Francisco Jorge Gonzaga, Antonio Francisco Barbosa, Luiz José de Sant'Anna Cardim, João do Carmo Madeira, digo e os irmãos João do Carmo Madeira, José Rocca, Adriano Augusto Mendes, Carlos José da Silva, João Carneiro Coutinho, Fortunato Correa da Silva, Francisco Luiz Esteves, andador Olegario Pedro Gonçalves, commigo Jezuino Antonio de Castro, secretario da Confraria, foi, pelo sr. Dr. provedor presidente, declarada aberta a presente sessão em meza redonda.

Sendo, pelo Secretario, lidas as actas anteriores, foram postas em discussão e em seguida approvadas e assignadas. O irmão provedor, fazendo ver o fim da presente reunião, fundamenta, fazendo bem deduzidas considerações em pról dos desgraçados captivos, e diz que esta Confraria, seguindo os bellos exemplos de seus fundadores, deve envidar todos os esforços possiveis, afim de obter minorar a sorte desses infelizes, e nesse intuito louvavel apresentou a seguinte representação dirigida aos altos poderes do Estado, que sendo lida, foi unanimemente approvada, deliberando-se mais que a dita representação ficasse em poder do sr. thezoureiro, para ser assignada pelos de mais irmãos que o quizessem fazer e que não compareceram á presente reunião: Eis a representação: «Senhor!—Ante o Excelso Throno de Vossa Magestade Imperial vêm respeitosamente os abaixo assignados, membros da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, erecta nesta Capital de S. Paulo, com o mais subido respeito, uzar do direito de petição que lhes é conferido pela constituição do Imperio. Conscios dos sentimentos humanitarios, que dominam a pessoa de Vossa Magestade Imperial, que d'elles ha dado tantas e tão exuberantes provas, os impetrantes esperam que sua supplica será benignamente acolhida, pois que, ella traduz as aspirações de um povo civilisado e christão. O artigo 60 do codigo criminal e a lei n.º 4 de 10 de Junho de 1835 encerra disposições excepcionaes, que o estado actual da Sociedade brazileira não comporta, porque são antinomicas com a Justiça, verdadeiros attentados perante o mundo, crimes aos olhos de Deus!

Para o tempo em que foi decretada a lei de 10 de Junho, quando geralmente se considerava a escravidão um facto normal, e o paiz atravessava uma crise melindrosa, arcando a Regencia com a hidra da anarchia, que alçava o collo por toda a parte, é certo que essa lei podia ser acceita como uma medida de occasião, jamais como inspirada nos principios eternos do direito.

Disposições odiosas por todos os lados quer se as encarem, já pela carencia de elementos de Justiça que as amparem, já como antithese do progresso, que as condemnam, ellas não podem continuar a ennodoar as paginas de nossa legislação. O consenso unanime do Imperio as profligam, os sentimentos de humanidade as proscrevem.

E, pois, imbuidos nestas idéas, que são as do seculo, alentados por esta crença, que é a do Evangelho—os abaixo assignados, submissamente impetram de V. M. Imperial, como primeiro cidadão deste imperio e chefe do poder executivo, a graça de promover por intermedio do governo, perante o poder competente, a revogação do art. 60 do cod. crim. e da lei de 10 de Junho de 1835. Os impetrantes, Senhor, fazem os mais evidentes votos para que no benefico reinado de V. M. Imperial, em que se proclamouque ninguem mais nasceria escravo no Brazil, se dissipe essa nuvem negra que tolda o bello azul do céo que nos cobre.

A eliminação de taes disposições, que maculam a legislação patria será mais um acto digno de V. M. Imperial, uma dessas cousas sublimes que fallam ao coração dos povos e que Deus abençôa. Esperam a Graça impetrada». O Sr. Dr. Provedor ainda fez sentir a necessidade que ha de se revêr o nosso compromisso e solicitar a approvação dos poderes competentes.

Ficou o mesmo Dr. Provedor autorizado a fazer a nomeação de uma commissão para esse fim, cuja commissão ficava á sua escolha. São propostos e approvados para irmãos e irmãs os seguintes individuos:

Dr. Jaime Serva, Dr. Frederico José Cardoso de Araujo Abranches, Dr. Arsenio de Souza Marques, Joaquim Rodrigues dos Santos Sobrinho, Benedicta Aurelia Gonçalves, Joaquim Antonio Leal de Freitas, Antonio Piragine, José Paulo, Dr. Antonio Candido da Rocha Junior, Maria Antonia da Silva, Dr. Antonio da Silva Prado, coronel Claudio José Pereira, João Candido Martins, João do Carmo Madeira, Dr. José Alves de Cerqueira Cezar, Bernardino Monteiro de Abreu, Dr. José Manoel Caneiros Bastos, Benedicta de Andrade, Manoel Bernardo da Rocha Junior, Benedicta Ferreira Bueno, João José Barbosa, Sabina Moreira Rodrigues, e Seraphim Andreucci:

Nada mais havendo a tratar-se levantou-se a sessão ás 8½

horas da noite, do que, para constar, eu Jesuino Antonio de Castro, Secretario a escrevi.

Sessão em Meza Redonda da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, para diversos assumptos. Presidencia do Snr. Prov.or Dr. Antonio Bento. Ás 7 ½ horas da noite de 17 de Junho de 1883 achando-se reunidos no respectivo consistorio, irmãos em numero sufficiente, foi, pelo irmão provedor declarada aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior, foi posta em discussão, sendo approvada e em seguida assignada pelos irmãos presentes. Pelo irmão provedor foi declarado que, tratando da liberdade de Juvencio, escravo do nosso irmão, Visconde de Itú, tem encontrado serias difficuldades para conseguir a mesma, e nesse sentido pede que esta Confraria intervenha para com aquelle irmão.—Esta indicação sendo posta em discussão, falam diversos irmãos que expendem suas opiniões, sendo afinal vencido—o nomear-se uma commissão para entender-se com o nosso irmão Visconde de Itú.

Em vista desta deliberação o irmão provedor nomeia para esta commissão aos irmãos Vice-provedor Dr. Antonio Bento. Marques Cantinho, Dr. Manoel Antonio Dutra Rodrigues e Commend.or João de Macedo Pimentel.

Ainda em seguida o irmão provedor propõe que seja considerado irmão benemerito desta Confraria o nosso digno Diocesano D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, visto a boa vontade e desvelo que tem mostrado em prol da Confraria.—Esta proposta é unanimemente approvada.

O irmão provedor, pedindo desculpa de não ter convocado a Meza para ajuste de festa, diz que no entanto foi ella celebrada no dia 10 do corrente, com toda a decencia e esplendor possiveis, como está na sciencia de todos os irmãos, distribuindo-se, á tarde depois da procissão, 45 cartas de liberdade, cuja distribuição foi feita pelo Ex.mo Rev.mo Bispo Diocesano; e pede mais, que na acta de hoje se inscreva a relação dos manumittidos para a todo o tempo constar. Neste interim pede a palavra o Secretario, e, com a devida venia propõe que seja lançado nesta, um voto, de louvor e gratidão desta Confraria ao seu digno provedor.

Esta proposta é approvada independente da vontade do mesmo provedor. Honra, pois, ao digno provedor Dr. Antonio Bento de Souza e Castro, que não conhece impecilhos para levar ávante a obra do resgate de nossos semelhantes! São propostos e approvados para irmãos e irmãs effectivos, os seguintes:

Pelo Secretario—Maria Benedicta da Conceição e Eugenia Corrêa da Conceição.

Pelo irmão Victorino—Pedro Henrique Gonçalves Bandeira da Cruz e Joaquim Serpa.

E nada mais havendo a tratar, o Snr. provedor presidente, levantou a sessão ás 8 ½ horas da noite. Eu, Jesuino Antonio de Castro, secretario a escrevi.

Relação das cartas de liberdade entregues pela Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, em 10 de Junho de 1883.

N.os	Nomes dos libertos	Cartorio	Nomes dos ex senhores
1	Antonio . . .	Elias	Francisco Antonio Pedroso.
2	Antonio . .	Climaco	Bento Franco de Godoy Lima.
3	Antonia . . .	O mesmo	D.a Maria Jesuina de Camargo.
4	Agostinho . .	O mesmo	Cap. Benjamin José Gonçalves.
5	Anacleto . .	O mesmo	Francisco de Almeida Nobre.
6	Armando . .	O mesmo	Manoel de Queiroz Telles.
7	Anna . .	Fonseca	Dr. Raphael Tobias de Aguiar.
8	Benedicto . .	Climaco	Virgilio Goulart Penteado.
9	Benedicta . .	O mesmo	Joaquim Nobrega de Almeida.
10	Balthasar . .	O mesmo	José Ferreira de Souza.
11	Barbara . . .	Fonseca	D.a Joaq.a Felicid. da Silva Bueno.
12	Barbara . . .	Climaco	Raphael Leite do Canto.
13	Brandina . .	Elias	D.a Leonôr A. de Lorena Ferreira.
14	Canuto . . .	Climaco	Jeronymo José Mendes.
15	Camillo . . .	Elias	Dr. Clemente Falcão de Souza.
16	Claudina . .	Climaco	Cap. Benjamin José Gonçalves.
17	Candido . .	O mesmo	Francisco Osorio de Pina Leitão.
18	Cecilia . . .	O mesme	D.a Maria Ybarra.
19	Dorothéa . .	O mesmo	D.a Maria Jesuina de Camargo.
20	Domingos . .	Fonseca	Joaquim de Oliveira Lima.
21	Eulalia . . .	O mesmo	Dr. Raphael Tobias de Aguiar.
22	Emilia . . .	Climaco	Cap. Benjamin José Gonçalves.
23	Emilia . . .	Fonseca	D.a Joaq.a Felicid. da Silva Bueno.
24	Felisberto . .	Climaco	Conde de Trer Rios.
25	Francisco . .	Fonseca	D.a Barbara S. da Silva Caldeira.
26	Francisco . .	Climaco	D.a Benta Brandina de Moraes.
27	Francisca . .	Fonseca	D.a Maria Nuncia Gomes.
28	Idalina . . .	Elias	Serafim Dias da Cunha.
29	João	Climaco	Cap. Benjamin José Gonçalves.
30	Joaquim . . .	O mesmo	João C. Mendes Pereira.
31	Januario . .	O mesmo	Dr. Antonio F. de Aguiar e Castro.
32	Laurindo . .	O mesmo	Cap. Benjamin José Gonçalves.
33	Laurinda Maria	O mesmo	Henrique Schombourg.
34	Luisa . . .	Fonseca	D.a Joaq.a Felicid. da Silva Bueno.
35	Manoel . . .	Climaco	João Carlos Mendes Pereira.
36	Manoel Antonio	Elias	D.a Leonôr de Mello Sampaio.
37	Maria . . .	O mesmo	D.a Ignacia Candida M. de Oliveira.
38	Mariano . . .	Climaco	Firmino A. da Silva Whitaker.
39	Paulo . . .	Fonseca	D.a Joaq.a F. da Silva Bueno.
40	Rita . . .	Climaco	Cap. Benjamin José Gonçalves.
41	Rosa . . .	Elias	D.a Justina M.a d'Annumpciacão
42	Sabina . . .	Climaco	José Klein.
43	Theodoro . .	O mesmo	D.a Margarida Junqueira
44	Thomé . . .	O mesmo	Cap. Benjamin José Gonçalves.
45	Venancio . .	O mesmo	O mesmo.

RELAÇÃO DOS IRMÃOS

Mariano da Purificação Fonseca — Major Manuel Antonio de Lima Vieira — Conego Joaquim do Monte Carmello — Conego Antonio Augusto d'Araujo Muniz — João Francisco de Paula Carmo — Francisco Justino da Silva — Ignacio Pinto da Silva — Innocencio Demetrio da Costa Nascimento — Luiz José de Sant'Anna Cardim — Matheus de Siqueira Bueno — Francisco Jorge Gonzaga — Antonio Francisco Barboza — Coronel José Antonio de Souza Pinheiro — Jezuino José Pascoal — Bernardo Antonio Mendes — Joaquim Augusto de Miranda — João Fernandes da Silva — Capitão Benedicto José Joaquim de Godoy — Commendador Gomes Cardim — Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim — Dr. Eduardo da Silva Prado — Commendador Thomaz Paulo Bom Successo Galhardo — José de Paula Bonfim Soares — Miguel Luzo da Silva — Dr. Antonio Benedicto Marques Cantinho Dr. Clementino de Souza Castro — Dr. José Fernandes Coelho — Anastacio Pereira de Souza — Major Justo Nogueira d'Azambuja — José Rocca — Francisco Mori Garibaldi — João Cancio Coutinho — Carlos Ablas — Cazimiro de Souza Pinto — João Manuel Floriano — Antonio Archanjo Dias Baptista — Dr. Americo de Campos Sobrinho — Tenente Joaquim Bueno da Silva — Francisco Duarte Guimaraes — Joaquim d'Oliveira Lima — Serafino André-Ussi — Dr. Mariano Costa — Lamberto Cezar Andraine — João Candido Martins — Dr. Leopoldo Augusto Couto Magalhães — Olegario Pedro Gonçalves — Ernesto Rossi — Dr. Manuel Corréas Dias — Dr. Vieira de Carvalho — João Ferreira Granjo — Jonquim Leite Penteado — João Carlos Mendes Pereira — Felisberto Migliani — Dr. Ernesto Silva — José Hanihel Forster — Maximiano Guilherme Floriano — Francisco Antonio Pedrozo — Arthur d'Oliveira Campos — Dr. Liberalino d'Albuquerque — João de Souza Aranha — Conego Araujo Tavares — Manoel Nunes Quedinho — Ernesto Mugnani — Dr. Frederico José Cardozo Araujo Abranches — Commendador Bernardino Monteiro d'Abreu — Dr. Joaquim Antonio Mattozo Ferraz — Bento Soares de Queiroz — Dr. Manoel Octavio Perreira e Souza — Salvador Baptista de Lima — Bento Joaquim de Souza e Castro — Dr. Fernando d'Albuquerque — Antonio Luiz Tarares — Coronel Antonio Eugenio Ramalho — Dr. Bernardino de Campos — João Fernandes Cardozo — José Hypolito da Silva Dutra — Julio da Silva — João Lemos Rodrigues — Gabriel Jacintho do Nascimento — Affonso Martins — Manoel da Roza Silveira — Adão Mendes — Francisco José Vieira — João Vieira — Salvador Luiz de Paula — Fortunato Paes Corrêa — José Moreira Lyrio — José Corrêa Pinto de Vasconcellos — Dr. Augusto Cincinato Almeida Lima — Manoel Joaquim de Carvalho — João Augusto de Moraes — José Maria Lisbôa.

TYP. DA INDUSTRIAL DE S. PAULO